HEROÍNAS NEGRAS
BRASILEIRAS
EM 15 CORDÉIS
JARID ARRAES
Pólen
HEROÍNAS NEGRAS BRASILEIRAS EM 15 CORDÉIS
JARID ARRAES
Nos últimos cinco anos, a autora Jarid Arraes tem se dedicado a desvendar a história das mulheres negras que fizeram a História do Brasil. E não bastava conhecer essas memórias, era preciso torná-las acessíveis e fazer com que suas vozes fossem ouvidas.
Para isso, Jarid usou a linguagem poética tipicamente brasileira da literatura de cordel. E vendeu milhares de seus cordéis pelo Brasil, alertando para a importância da multiplicidade de vozes e oferecendo exemplos de diversidade para as mulheres atuais.
Neste livro, reunimos quinze dessas histórias, que ganharam uma nova versão da autora e a beleza das ilustrações de Gabriela Pires. Conheça a força de Antonieta de Barros, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Esperança Garcia, Eva Maria do Bonsucesso, Laudelina de Campos, Luísa Mahin, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis, Mariana Crioula, Na Agontimé, Tereza de Benguela, Tia Ciata e Zacimba Gaba.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Projeto gráfico, diagramação e ilustrações
Gabriela Pires

Preparação de texto
Lizandra Magon de Almeida

Revisão
Virgínia Vicari e Luana Balthazar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Arraes, Jarid
Heroínas negras brasileiras : em 15 cordéis / Jarid Arraes. -- São Paulo : Pólen, 2017.
176 p.

ISBN 978-85-983-4945-9

1. Literatura de cordel brasileira 2. Mulheres - Negras - Brasil I. Título

17-0674

CDD 398.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura de cordel brasileira

Pólen
www.polenlivros.com.br
(11) 3675-6077

**Às heroínas do presente,
por acreditarem num
futuro possível.**

RESGATAR NOSSA MEMÓRIA

Jaqueline Gomes de Jesus[1]

Para nós, seres humanos, as lembranças trazem reflexões. E, às vezes, estas alimentam aquelas. Inconscientemente, construímos nossas histórias de vida com os retalhos de quem fomos, ou de quem acreditamos ter sido. O que importa é o trabalho de costura. Existe muito de racional escondido sob o leito desse rio de afetos.

Não somos mais crianças, mas elas continuam em nós. O adulto vislumbra o jovem que foi, enquanto é observado pelo idoso. A partir

---

[1]Professora de Psicologia do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Doutora em Psicologia Social e do Trabalho pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora-Líder do ODARA — Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura, Identidade e Diversidade (IFRJ — Campus Belford Roxo). Foi Assessora de Diversidade e Apoio aos Cotistas e Coordenadora do Centro de Convivência Negra da UnB. Pesquisa e publica sobre identidade e movimentos sociais, com foco em ações afirmativas para a população negra. Foi agraciada com a Medalha Chiquinha Gonzaga (2017), concedida pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro a mulheres com reconhecidas contribuições à sociedade.

disso tudo podemos nos parir, contar o que julgamos ser a versão mais fidedigna de quem somos: a estória que, para além de apenas justificar ações, alimenta consciência, sonhos, temores, preconceitos, fronteiras e amplidão.

Entretanto, a memória de quem somos é mais complexa do que a mera soma dos seixos que catamos no leito daquele rio. Ela também é formada pelas lembranças dos acontecimentos que acompanharam nosso grupo social, o fundamento comum de nossa diversidade interna.

No Brasil, mulheres, principalmente as negras, nem sempre puderam falar, escrever e quanto mais publicar sobre si mesmas. Tampouco tiveram suas vozes plenamente respeitadas por aqueles que delas falaram, escreveram e publicaram; na maioria, homens brancos.

De forma geral, neste país estruturalmente racista e machista, o protagonismo negro para se expressar, sem intermediários, foi invisibilizado, senão questionado e punido. Até mesmo o nosso maior escritor, Machado de Assis, teve sua identidade como homem negro silenciada ou negada — censuras da máquina colonial que se alimentou da escravidão e ainda rumina nas mentes e corações deste povo.

Este não é um problema só dos negros, é de todos os brasileiros, que, ao menosprezarem a participação de uma parcela da população na construção desta sociedade, de quem somos como brasileiros, também fraturam a sua própria tradição, preservam a própria alienação. Aos brancos que ignoram o racismo, resta gozar os privilégios decorrentes de sua cor de pele e traços anatômicos, em detrimento da vida, direitos e potencialidades das pessoas negras.

Destarte, como lembrar de quem somos, se a nossa memória coletiva foi distorcida, vilipendiada?... E dado que continua sendo? Ela é um elemento-chave para a nossa consciência negra, que por vezes se resume a um herói ou outro: senão Zumbi dos Palmares, João Cândido. Os heróis são a projeção do melhor de nós, como seres humanos, do que todos deveríamos buscar como gente. Mas os nossos heróis e heroínas, quando negros, têm sido odiosamente relegados ao esquecimento.

Daí chego a Jarid Arraes.

Eu me lembro da primeira vez em que visitei Juazeiro do Norte, a fim de palestrar e ministrar curso durante um congresso de Psicologia. Da janela do avião, vi a estátua do Padre Cícero. Algo extremamente significativo para aquela região, e relevante para a constituição multifacetada de nossa brasilidade.

Lá, folheando uma revista de cultura local, vejo a foto de Jarid, ladeada do pai e do avô. Todos cordelistas e xilogravadores. Sem olhar para a legenda, eu a reconheci. Era a mesma pessoa que eu conheci a partir da internet: feminista, articulista, jornalista, e cuja escrita a levou, em determinado momento, ao Sul (São Paulo), caminho seguido por tantos de seu Nordeste, como ela comentou à época.

O trabalho dessa mulher sempre me fascinou. Das postagens aos cordéis, nada que sai da mente e do coração de Jarid é raso, e sim profundo de razão e sentimento. Eis a marca de sua identidade própria, de sua originalidade, mas também de uma rica tradição, de uma memória coletiva da família, do Cariri, que se traduziu na escritura dessa mulher negra.

E esta mulher negra se engajou para versejar outras, relegadas ao silêncio, à invisibilidade. Corajosamente, Jarid decidiu enfrentar o racismo e o machismo com prosa e verso. E é de sua poesia que ora falamos nesta publicação.

Dentre a multidão de heroínas negras que lutaram nestas terras tupiniquins, anônimas ou um pouco mais conhecidas, a autora aqui compilou quinze delas, cujos nomes faço questão de repetir, com destaque:

Antonieta de Barros, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Esperança Garcia, Eva Maria do Bonsucesso, Laudelina de Campos, Luísa Mahin, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis, Mariana Crioula, Na Agontimé, Tereza de Benguela, Tia Ciata e Zacimba Gaba.

Quão fascinante. Quão belo. Quão empoderador é ler e ouvir os nomes dessas heroínas negras brasileiras! Com este belíssimo livro, Jarid Arraes contribui, de maneira extraordinária, para que resgatemos nossa memória: como mulheres negras, como pessoas negras, como brasileiras e brasileiros!

Mesmo que as lutas dessas guerreiras, em seus diferentes campos de atuação, tenham sido duramente reprimidas e derrotadas, inclusive ao custo de suas vidas, que tenham tido poucos resultados práticos imediatos, elas nos ofereceram um ganho absolutamente crucial, que Jarid permite que muitas pessoas alcancem, por meio de seus versos, uma consciência mínima da imensa força e vasta inteligência da mulher negra, na sua diversidade de ser mulher e negra.

Tal consciência poderia ser constatada meramente por meio de uma concepção ética, não

racista, de nossa vida em sociedade; entretanto não temos verificado que essa flor brote, costumeiramente, do asfalto quente sobre qual mulheres negras são arrastadas neste país.

Ante ao exposto, eu prezo e me comprazo com a obra de Jarid. Eu me torno uma mulher negra mais orgulhosa de minha herança cultural, e da história do meu povo, ao lê-la; e sei que, ao lerem estes poemas, outras pessoas negras, por vezes, mas também as brancas, encontrarão um deliciosa fonte, que as nutrirá de vida e esperança, e quiçá as mobilizará para que, seja lá o que nos define como brasileiros, não mais seja permeado de racismo e machismo. Temos uma longa caminhada pela frente.

Axé!

Rio de Janeiro, 5 de maio de 2017.

ANTONIETA DE BARROS

Conto aqui neste cordel
Uma história inspiradora
De uma preta muito forte
Que foi tão batalhadora
E com sua inteligência
Se mostrou norteadora.

Era uma catarinense
De Antonieta nomeada
Sendo de origem pobre
Teve a vida permeada
Por muita dificuldade
E por luta semeada.

Ela ainda era criança
Quando órfã se tornou
O seu pai que faleceu
E na vida lhe deixou
Com a mãe que a criava
E que muito lhe inspirou.

Tinha dezessete anos
Quando conseguiu entrar
Na escola normalista
Para mais se dedicar
Aos estudos que gostava
Querendo aperfeiçoar.

No entanto, é preciso
Uma coisa mencionar
Inda era os anos vinte
Quando ela foi estudar
Veja só que grande feito
Ela estava a desbravar!

Pois não era só mulher
O que era já difícil
Era negra num passado
De racismo, de suplício
Bem pior que atualmente
E sem sucesso propício.

No ano de vinte e dois
Antonieta então fundou
Um Curso Particular
Onde ela ensinou
Por toda a sua vida
Como muito acreditou.

Para que a população
Pudesse alfabetizar
Foi que Antonieta fez
Esse curso prosperar
Cheia de dedicação
Colocou-se a lecionar.

Tinha muito envolvimento
Com o assunto cultural
E ainda em vinte e dois
Ela fundou um jornal
Que chamou de *A Semana*
Escrevendo para o tal.

De política falava
Com bastante habilidade
Também sobre educação
E sobre a desigualdade
Na denúncia do machismo
E ao racismo no combate.

Ela também dirigiu
Uma revista semanal
Intitulada *Vila Ilhoa*
Como mais novo canal
Trabalhou diariamente
E rompeu com o banal.

Já alguns anos depois
Quis um livro publicar
E usou um outro nome
Para enfim concretizar
Como Maria da Ilha
Escreveu seu exemplar.

Foi também profissional
De grande orientação
Professora e diretora
Com convicta intenção
Foram várias as escolas
Onde pôs a sua mão.

Por seu grande caráter
Era muito admirada
Pelos seus jovens alunos
Ela era celebrada
Porque era obstinada
Coerente e respeitada.

Já na década de trinta
Se juntou ao movimento
Por Progresso Feminino
Exigido no momento
Era o FBPF
Com que teve envolvimento.

Conto ainda mais um fato
Que ela protagonizou
E marcou a nossa história
Como líder de valor
Pois abriu mais uma porta
Pro futuro que chegou.

Deputada federal
Antonieta se tornou
A primeira do estado
Como assim se registrou
E foi a primeira negra
Que o país efetivou.

Com essa grande conquista
Chegou a se transformar
Na primeira mulher negra
Com um mandato popular
Pelo Partido Liberal
Pela educação lutar.

Então veio a ditadura
De Estado Novo conhecida
E depois de sua queda
Ela fez-se embravecida
Conquistando muito mais
Grandemente merecida.

Antonieta foi incrível
Na política um destaque
Foi a pura pioneira
Sempre pronta pro combate
A primeira mulher negra
Para vários dos debates.

Por inteira a sua vida
Viveu como educadora
Jornalista ou deputada
Se manteve ensinadora
Com lições educativas
E também libertadoras.

As palavras que usou
Espalhou pela nação
E com tudo semeou
A melhor revolução
Pelo espaço feminino
Pela sua Negra Ação.

É por isso que eu digo:
Antonieta é exemplar
E além de inspiradora
Pode muito desbravar
Foi abrindo os caminhos
Pra gente também passar.

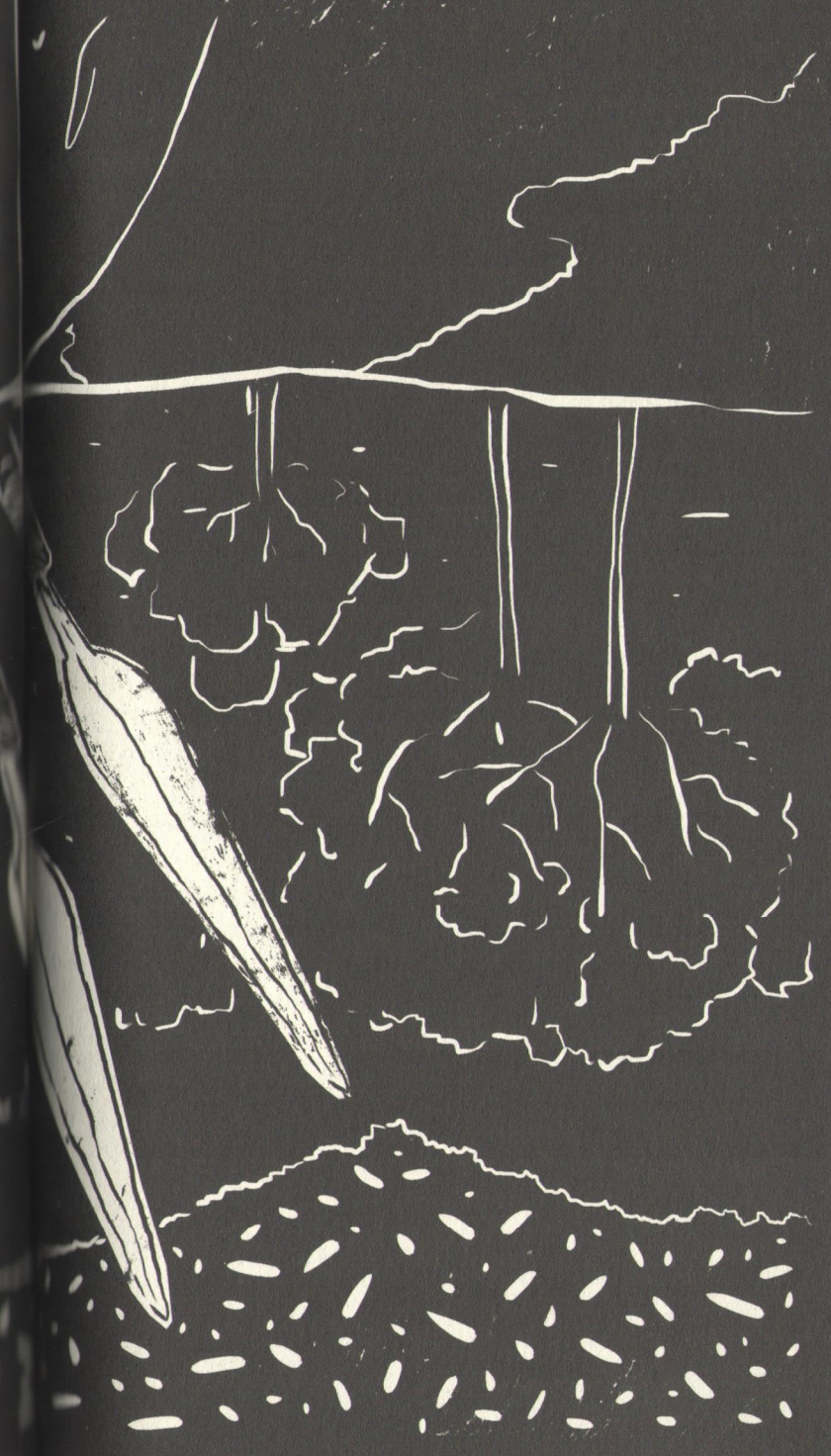
Pras mulheres brasileiras
Ela é grande liderança
Deve ser muito lembrada
De adulto até criança
Pela sua honestidade
Por sua perseverança.

Nas escolas não ouvimos
Essa história impressionante
Mas eu uso o meu cordel
Que também é importante
Para que você conheça
E não fique ignorante.

Que você também espalhe
Isso que acabou de ler
Para que muitas pessoas
Tenham a chance de saber
Quem foi essa Antonieta
Como foi o seu viver.

Esse é o nosso papel
Considero obrigação
Pra acabar o preconceito
Pra espalhar informação
Destruindo esse racismo
E gerando inspiração.

Eu e todas as mulheres
Neste verso agradecemos
E esperamos que em frente
Sempre juntas caminhemos
E lembrando Antonieta
Certo que nós venceremos.

Antonieta de Barros foi uma política e jornalista catarinense que lutou contra o racismo e o machismo. Nascida em Florianópolis em 1901, foi eleita para a Assembleia Legislativa de Santa Catarina, tornando-se a primeira mulher a assumir o cargo de deputada no estado e a primeira deputada estadual negra em todo o Brasil. Antonieta atuava como professora, escritora e jornalista. Fundou o jornal *A Semana* entre 1922 e 1927, e ali falava de seus ideais contra a discriminação de gênero e racial. Em 1937, escreveu o livro *Farrapos de Ideias*, com o pseudônimo Maria da Ilha. Anualmente, a Assembleia Legislativa de Santa Catarina concede a Medalha Antonieta de Barros a mulheres que combatem a desigualdade de gênero.

AQUALTUNE

Como filha de um rei
Aqualtune era princesa
Era no reino do Congo
Da mais alta realeza
E na tradição que tinha
Encontrava fortaleza.

Lá no Congo era feliz
De raiz no ancestral
Mas haviam outros reinos
Dos quais Congo era rival
E por isso houve guerra
Com desfecho vendaval.

Na disputa dessa guerra
Seu pai foi derrotado
E vendidos como escravos
Foi seu reino humilhado
Mais de dez mil lutadores
Igualmente enjaulados.

Aqualtune foi vendida
Em escrava transformada
Foi levada para um porto
Onde foi então trocada
Por moeda, por dinheiro
Pruma vida aprisionada.

Acabou num navio negreiro
Que ao Brasil foi viajar
Nos porões do sofrimento
Muito teve que enfrentar:
As doenças e tristezas
E a maldade a transbordar.

Aqualtune com seu povo
Nos porões muito sofreu
Tinham febres e doenças
Pela dor que só cresceu
Era fome e era castigo
Muita gente padeceu.

Foi no Porto de Recife
Que o navio então parou
Quando muito finalmente
No Brasil desembarcou
Aqualtune novamente
Teve alguém que a comprou.

Foi vendida como escrava
Chamada reprodutora
Imagine o pesadelo
Que função mais redutora
Pois seria estuprada
De escravos genitora.

Sua principal função
Seria a de procriar
Estuprada na rotina
Muita dor pra suportar
Imagine uma princesa
Isso tudo enfrentar!

Foi levada a Porto Calvo
Pernambuco, a região
E vivendo como escrava
Enfrentou a solidão
Os castigos e torturas
No seu corpo a agressão.

Imagine quantos filhos
Aqualtune teve então
Tudo fruto de estupro
Fruto de violação
E ainda eram tomados
No meio dum sopetão.

Mas na vida de tortura
Aqualtune ouviu falar
Sobre a pura resistência
Dos escravos a lutar
E soube de Palmares
O que pode admirar.

Aqualtune se empolgou
Do seu povo quis a luta
E pensou em se juntar
Pra somar nessa labuta
Mesmo estando em gravidez
Ela estava resoluta.

A gravidez já avançada
Não causou impedimento
Aqualtune foi com tudo
Formando esse movimento
Agarrando a esperança
E com muito entendimento.

Junto com outras pessoas
Negras de muita coragem
Aqualtune fez a fuga
Mesmo com toda voragem
Foi parar em um quilombo
E falou de sua linhagem.

Todos lá reconheceram
Que era ela uma princesa
E por isso concederam
Território e realeza
Para a brava Aqualtune
Coroada de firmeza.

Nos quilombos do Brasil
Era forte a tradição
De manter vivas raízes
Africanas na nação
Aqualtune isso queria
Disso fazia questão.

Mas a sua importância
Muito mais se mostraria
Não se sabe com certeza
Mas pelo que se anuncia
Aqualtune teve um filho
E Ganga Zumba ele seria.

Segundo essa tradição
Foi avó doutro guerreiro
De imensa relevância
Para o negro brasileiro
Era Zumbi dos Palmares
Liderança por inteiro.

Aqualtune, infelizmente
Faleceu numa armação
Planejada por paulistas
Com fim de destruição
Do quilombo de Palmares
E de sua tradição.

Sua aldeia foi queimada
Pelos brancos assassinos
Não se sabe bem a data
Do seu fim e desatino
Mas a sua história viva
Para isso a descortino.

Quando ela faleceu
Bem idosa já estava
Aqualtune sim viveu
Como líder destacava
Essa força feminina
Que a princesa exaltava.

Eu só acho um absurdo
Porque nunca ouvi falar
Na escola ou na tevê
Nunca vi ninguém contar
Sobre a garra de Aqualtune
E o que pôde conquistar.

Uma história como a dela
Deveria ser contada
Em todo livro escolar
Deveria ser lembrada
No teatro e no cinema
Que ela fosse retratada.

Mas eu tive que sozinha
As informações buscar
Foi porque ouvi seu nome
Uma amiga mencionar
E por curiosidade
Fui online pesquisar.

A história do meu povo
Nordestino negro forte
É tão rica e importante
É vitória sobre a morte
Pois ainda do passado
Modificam nossa sorte.

Quando penso em Aqualtune
Sinto esse encorajamento
A vontade de enfrentar
De mudar neste momento
Tudo aquilo que é racismo
E plantar conhecimento.

Aqualtune era uma princesa africana, filha do rei do Congo. Foi uma grande guerreira e estrategista e liderou um exército de 10 mil homens para combater a invasão de seu reino, em 1695. Quando perdeu a guerra, foi escravizada e trazida ao Brasil, onde foi vendida como escrava reprodutora. Grávida, Aqualtune organizou uma fuga para Palmares, onde deu à luz Ganga Zumba e Gana, que mais tarde seriam chefes dos mais importantes mocambos de Palmares, e também Sabina, mãe do grande líder de Palmares, Zumbi.

CAROLINA Mª DE JESUS

Essa é uma escritora
Que já foi ignorada
E durante a sua vida
Foi também muito explorada
Mas por muitos, hoje em dia
É com honras adorada.

Sua história verdadeira
Começou em Sacramento
Na rural comunidade
Foi de Minas um rebento
Era o ano de quatorze
Inda mil e novecentos.

Pouco tempo se passava
Desde o fim da escravidão
E, portanto, o que existia
Era a dor da servidão
O racismo dominava
Espalhando humilhação.

Sua mãe era solteira
Pela igreja excomungada
Pois o homem era casado
E findou abandonada
Com a filha pra criar
E por muitos execrada.

No ano de trinta e sete
Carolina então mudou
Para a capital, São Paulo
Onde muito batalhou
Construiu o seu barraco
E ali se instalou.

Na favela Canindé
Sua vida foi sofrida
A maior luta diária
Era a busca por comida
Uma vida esfomeada
Sempre muito deprimida.

Carolina ainda tinha
Três filhos para cuidar
Todos de pais diferentes
Pois jamais quis se casar
Só pensava em liberdade
Pra fazer seu desejar.

O que mais ela gostava
Era ler, era escrever
Sendo maior passatempo
E registro do viver
Nas palavras mergulhava
Para assim sobreviver.

Como era catadora
Pelos lixos encontrava
O papel e o caderno
Que por fim utilizava
Como o famoso Diário
Onde tudo registrava.

Tudo que assucedia
Na favela onde vivia
Carolina prontamente
Em relatos escrevia
Irritando seus vizinhos
E causando agonia.

Nem por isso ela parava
Precisava escrever
E sonhava com sucesso
Com dinheiro pra comer
Pois a vida da favela
Ela não queria ter.

Num tal dia por acaso
Um jornalista apareceu
Na favela onde morava
Carolina e filhos seus
Ele ouviu a confusão
E a escritora conheceu.

No momento, Carolina
Com a escrita ameaçava
"Vou botar no meu diário"
Carolina assim gritava
O jornalista interessado
Foi saber o que rolava.

Então soube dos cadernos
Que Carolina escrevia
Ficou muito impressionado
Com o valor que ali continha
E depois de muita espera
O seu livro aparecia.

Foi o *Quarto de Despejo*
O primeiro publicado
Um sucesso monstruoso
Tão vendido e aclamado
Carolina fez dinheiro
Com o livro elogiado.

Sua obra era importante
Pela vil realidade
Que ali estava exposta
Tal ferida da cidade
A favela e a pobreza
De Carolina a verdade.

Por causa do sucesso
Do dinheiro que ganhou
Carolina finalmente
Da favela se mudou
Numa casa de tijolos
Com seus filhos habitou.

O problema, no entanto,
Era a grande exploração
Carolina se sentia
Como fosse na prisão
Pois bem mais ela queria
Enfrentando impedição.

Desejava até cantar
Mais um livro ela escreveu:
Casa de Alvenaria
Cheio de relatos seus
Sobre a vida que mudava
E o que mais lhe aconteceu.

Mas aí já não gostaram
Por imensa hipocrisia
Pois Carolina contava
Os males da burguesia
E o amargo esquecimento
Logo mais se chegaria.

Carolina até tentou
Publicou material
No ano de sessenta e três
Mais dois livros afinal
Mas estava ignorada
Novamente marginal.

E de novo catadora
Acabou no sofrimento
Só depois de sua morte
Teve o reconhecimento
Com *Diário de Bitita*
Grandioso documento.

Recomendo que pesquise
Muito mais dessa escritora
Que era mãe, era poeta
Era forte inspiradora
E ainda era uma artista
Com talento de cantora.

Por racismo e elitismo
Pouco dela hoje se fala
Mas tamanho preconceito
Seu legado jamais cala
É por isso que eu lembro
E meu grito não entala.

Carolina é um tesouro
Para o povo brasileiro
É orgulho pras mulheres
Para o povo negro inteiro
Referência como exemplo
De valor testamenteiro.

Muito mais há publicado
Sobre a vida da escritora
Os seus livros de poemas
De provérbios pensadora
Abra o seu conhecimento
Que ela é merecedora.

E por fim com muito orgulho
O cordel já vou fechando
Com sinceridade espero
Que termine interessando
Se você não conhecia
O que estive aqui contando.

Carolina eternamente
Uma imensa inspiração
Uma força grandiosa
E também validação
A mulher negra escritora
Que despeja o coração.

Nascida em Sacramento (MG) em 1914, **Carolina Maria de Jesus** foi uma importante escritora brasileira. Filha de analfabetos, começou a estudar aos 7 anos e precisou largar a escola no segundo ano, mas aprendeu a ler e escrever. Em 1937, sua mãe faleceu, e Carolina decidiu se mudar para São Paulo (SP), onde construiu sua própria casa utilizando madeira, papelão e outros materiais. Para sustentar a família, ela saía à noite para coletar papel, guardando revistas e cadernos antigos que encontrava. Em suas folhas, Carolina escrevia sobre sua vida na favela e seu dia a dia, somando mais de vinte cadernos com testemunhos de seu cotidiano. Um desses cadernos deu origem ao seu livro mais famoso, *Quarto de Despejo*, publicado em 1960, traduzido para treze idiomas e vendido em mais de quarenta países. Carolina aspirava se tornar cantora e atriz, mas faleceu em 1977, vítima de insuficiência respiratória.

JARID ARRAES

DANDARA DOS PALMARES

Se você já ouviu falar
Da história de Zumbi
Peço então sua atenção
Pro que vou contar aqui
Talvez você não conheça
Por incrível que pareça
Por isso eu vou insistir.

O quilombo dos Palmares
Por Zumbi foi liderado
E nesse mesmo período
Dizem que ele foi casado
Com uma forte guerreira
Que tomou a dianteira
Pelo povo escravizado.

Foi Dandara o seu nome
Que é quase como lenda
Não há provas de sua vida
E talvez te surpreenda
Com um ar de fantasia
De coragem e de magia
Mas assim se compreenda.

Não há dados registrados
Sobre onde ela nasceu
Se foi ela brasileira
Ou na África cresceu
Se ela tinha liberdade
Ou se na dificuldade
Ela livre se verteu.

Com Zumbi teve três filhos
E seus nomes vou citar:
Motumbo, Aristogíton
E Harmódio a completar
Eram esses os rebentos
De um casal muito sedento
Que se uniu para lutar.

Mas Dandara não queria
Um papel limitador
Ser a mãe que cozinhava
Tendo um perfil cuidador
As batalhas lhe chamavam
E seus olhos despertavam
Pelo desafiador.

Guerrear pelo seu povo
Era o que lhe motivava
O sonho da liberdade
Para todos cultivava
Sendo muito decidida
Era até envaidecida
Pela força que ostentava.

Um fator que se destaca
Era o seu radicalismo
Pois não aceitava acordo
Com senhores do racismo
Que ofereciam terras
Para que acabasse a guerra
No interesse do cinismo.

Porque tinha bem certeira
Uma baita opinião:
Liberdade para poucos
Não conforta o coração
O quilombo que existia
Para todos lutaria
Sem abrir uma exceção.

É por isso que Dandara
Tinha fé no guerrear
Confiava nas batalhas
Para tudo transformar
A paz só existiria
Pelo que conquistaria
Para a todos libertar.

Liderava os palmarinos
Lado a lado com Zumbi
Entre espadas e outras armas
Escutava-se o zunir
Dos seus golpes tão certeiros
Que aplicava bem ligeiros
Pra ferir ou confundir.

Certa vez, numa viagem
Sugeriu a invasão
Da cidade de Recife
No meio de um sopetão
E Zumbi ficou chocado
Até mesmo impressionado
Por tamanha ambição.

Não chegaram a completar
O seu plano audacioso
Mas notamos nesse caso
Um exemplo grandioso
Da braveza que mostrava
E Dandara assim reinava
Com Palmares orgulhoso.

Então vale imaginar
As ações que aconteciam
Que os guerreiros de Palmares
Com Dandara concluíam
As senzalas arrombavam
Plantações até queimavam
E em poder evoluíam.

O quilombo dos Palmares
Era assim tão majestoso
Que os brancos despeitados
Tinham um medo horroroso
Planejavam o destruir
Mas chegavam a ruir
Sendo o ataque desastroso.

Muitos anos desse modo
Foi Palmares resistindo
Até que um final ataque
Acabou lhe destruindo
E Zumbi traçou a fuga
Para não largar a luta
Pela mata foi partindo.

Mas Dandara, encurralada
Teve só uma opção
Pra não ser capturada
Nem cair na escravidão
Atirou-se da pedreira
Com convicção inteira
De negar-se à prisão.

Até mesmo a sua morte
De heroísmo foi repleta
E a mensagem que anuncia
Entendemos bem completa:
Rejeitar a rendição
É a nossa condição
Como um grito de alerta.

Há quem diga que Dandara
É um símbolo lendário
Que está representando
Um poder imaginário
Heroína para a gente
Como deusa que ardente
Traz o revolucionário.

Se existiu como se conta
Ou se lenda representa
Para mim tudo resume
Essa luta que apresenta
Baluarte feminina
A guerreira palmarina
Na memória se sustenta.

Dia 20 de novembro
Dia de lembrar Zumbi
É também dessa Dandara
Que devemos incluir
O seu nome celebrado
Sim, merece ser honrado
E no peito se sentir.

Do quilombo de Palmares, **Dandara** era parceira do guerreiro Zumbi, com quem teve três filhos. Há poucos dados sobre sua vida, e por isso sua história é cercada de controvérsias. Diz-se que Dandara lutava capoeira e combatia nos diversos ataques a Palmares no século XVII, em Alagoas. Não há confirmação histórica se ela nasceu no Brasil ou na África, mas Dandara sempre lutou contra a escravidão e participou ativamente da resistência do quilombo. Em 1678, Ganga Zumba, líder de Palmares e tio de Zumbi, teria assinado um tratado com o governo de Pernambuco que previa a libertação de prisioneiros palmarinos e a permissão para realizar comércio, em troca da entrega de escravos fugitivos em busca de abrigo. Dandara e Zumbi se opuseram ao pacto, e Zumbi assumiu a liderança após a morte de seu tio. Dandara suicidou-se em 1694, jogando-se de uma pedreira para morrer em liberdade e não na condição de escrava.

Senhor Presidente,

ESPERANÇA GARCIA

Foi no século dezoito
Que este caso aconteceu
No estado Piauí
A mudança que se deu
E marcando nossa história
Esperança apareceu.

Pelos padres jesuítas
Ela foi escravizada
Esperança era mulher
Que vivia maltratada
Mas sua personalidade
Era alma de indomada.

Quando estava com os padres
Esperança se casou
E chegou a ter um filho
Que profundamente amou
Com seu marido vivia
Mas então tudo mudou.

Pois o Marquês de Pombal
Foi aos padres expulsar
E a escrava Esperança
Acabou-se por passar
Ao governo do Estado
Que lhe mandou transportar.

Da Fazenda Algodões
Esperança foi tirada
Foi parar em Nazaré
Onde foi escravizada
E já nesse novo canto
Com dureza era espancada.

Separada do marido
Só o filho carregava
Mas a pobre da criança
Todo dia que apanhava
E por isso a Esperança
Muito mais se revoltava.

Acontece que Esperança
Tinha aprendido a ler
Ensinada pelos padres
Tinha jeito de escrever
Foi aí que decidiu
Uma carta conceber.

No dia 6 de setembro
Sua carta foi mandada
Com palavras de apelo
E linguagem explicada
Esperança que pedia
Por urgente salvaguarda.

O presidente da província
Foi quem leu o documento
Que continha em suas linhas
A denúncia do momento
Pois a dor de Esperança
Vinha de seu sofrimento.

Nessa carta ela dizia
Que vivia a apanhar
Uma vez sendo jogada
Com intento de matar
Foi caindo do sobrado
Mas se deu para escapar.

O seu filho, tão pequeno
Também era maltratado
O feitor da tal fazenda
Era um homem endiabrado
Que batia sem ter pena
Por qualquer caso furado.

Esperança disse ainda
Que queria batizar
A menina era criança
Mas a fé era exemplar
E a religião cristã
Ela estava a professar.

E falou de outras mulheres
Querendo se confessar
Que do mesmo jeito dela
Precisavam de contar
Seus pecados escondidos
Para o padre perdoar.

Porque lá onde ela estava
Não se tinha a confissão
Nem batismo e nem missa
Que era assim religião
E Esperança argumentava
Que isso era confusão.

Foi usando desses pontos
Seu exemplo de esperteza
Por fazer da fé cristã
Argumento de clareza
Para ver se conseguia
Do governo uma presteza.

Afinal, o que diria
Para o branco convencer?
Se a gente escravizada
Não podia merecer
A menor das gentilezas
Para em paz sobreviver?

Não se sabe o desfecho
Se sequer foi respondida
Mas sem dúvida nenhuma
Era tão fortalecida
A coragem de Esperança
Que se tornou conhecida.

Porque no Brasil passado
O escravo era excluído
Sem saber ler e escrever
Sem poder ser instruído
Caso alguém fosse enfrentar
Acabava perseguido.

Era crime muito grave
Ensinar escravo a ler
Pela lei que existia
Era o jeito de viver
E seria muito preso
Quem fosse contradizer.

Luiz Mott foi o homem
Que essa carta encontrou
Quando estava em Portugal
Esse historiador
Resgatou o documento
E assim o publicou.

É por isso que Esperança
Na História se mantém
Porque teve essa coragem
E porque foi muito além
Não ficou só em silêncio
E mostrou que era alguém.

Se você não conhecia
Essa história inspiradora
Peço que também espalhe
Porque é transformadora
A verdade de Esperança
Essa grande lutadora.

São inúmeras mulheres
Que peitaram toda luta
Enfrentando o racismo
E com garra na labuta
Construíram um caminho
Sempre com a mente astuta.

Por causa dessas mulheres
Hoje temos liberdade
É por isso que me orgulho
Da minha ancestralidade
Preservar é um prazer
E responsabilidade.

Esperança Garcia foi uma escrava alfabetizada ilegalmente por padres jesuítas no final do século XVIII. Após a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal, Esperança foi levada da Fazenda dos Algodões, onde vivia com seu marido e filhos, a uma fazenda em Nazaré do Piauí, sob a administração do governo, para trabalhar como cozinheira. Em 6 de setembro de 1770, escreveu uma das mais antigas cartas de denúncia de maus tratos contra escravos, dirigida ao presidente da Província de São José do Piauí. Na carta, Esperança descrevia a violência física que sofria junto a seu filho pelo feitor da fazenda, e solicitava que fosse devolvida à Fazenda dos Algodões para que pudesse batizar sua filha. Não se sabe se seu pedido foi atendido.

EVA • MARIA DO BONSUCESSO

— 67

Existiu uma mulher
Chamada de Eva Maria
Quitandeira talentosa
Que um dia mostraria
Sua força exemplar
Sua garra pra lutar
Sem descanso noite e dia.

Sendo ela escrava forra
Conseguiu sua liberdade
Mas a marca do racismo
Não mudou sua verdade
Pois trabalho era tanto
Só ralando em todo canto
Sempre na dificuldade.

Para assim sobreviver
Na quitanda ela vendia
Todo tipo de hortaliça
E de fruta que exibia
Fosse a couve pra comer
A banana a oferecer
Na calçada ela estaria.

O seu nome foi ligado
Ao lugar de Bonsucesso
Sendo no Rio de Janeiro
Hoje faço seu regresso
Na memória da discórdia
Rua da Misericórdia
Onde o povo tinha acesso.

Foi no século dezenove
Julho, dia dezesseis
Mil oitocentos e onze
Quando algo grande fez
Pela garra de lutar
Do direito conquistar
Com tamanha sensatez.

Nesse dia de trabalho
Arrumou seu tabuleiro
Com as frutas e verduras
Para conseguir dinheiro
Mas um bicho apareceu
Foi aí que aconteceu
Todo seu desenroleio.

Uma cabra correu solta
E as bananas agarrou
Foi saindo na carreira
Mas a Eva se arretou
E já foi saindo atrás
Bem nervosa por demais
Pela cabra que a roubou.

Segurando numa vara
Eva a cabra perseguiu
Mas puxou foi o nervoso
De um branco que isso viu
Sendo o dono do animal
Quis sair de maioral
Mas a Eva reagiu.

José Inácio de Sousa
Era o nome do senhor
Que sentiu de achar ruim
Sem fazer nenhum pudor
Resolveu lhe estapear
Sem ao menos perguntar
O motivo causador.

Quando recebeu o tapa
Eva logo se mexeu
Deu o troco rapidinho
No senhor então bateu
Foi levada pra polícia
A danada da milícia
Que só branco defendeu.

Acontece que eram trinta
As pessoas que assistiam
E que vendo o ocorrido
Sem demora falariam
Em favor de Eva Maria
E da sua ousadia
A mulher defenderiam.

Olhe bem pra esse caso
Que negócio interessante
Pois o homem sendo branco
Sendo rico e dominante
Já achou que ganharia
E que a Eva prenderia
Num estalo de instante.

Só que tanta gente junta
Teve força de falar
E pelo favor de Eva
Foram sim testemunhar
Eva ainda abriu a boca
Diz até que ficou rouca
Pelo forte discursar.

Se você acha que é isso
E no fim já vai pensando
Saiba que tem muito mais
Do que aqui vou te falando
Preste muita atenção
Veja a baita da emoção
Que eu agora vou contando.

Como fosse muito pouco
Eva não ter sido presa
O desfecho foi maior
Do que só sair ilesa
Foi o branco enclausurado
Por bater foi condenado
Na mais dura da certeza.

Imagina a raridade
Num desfecho desse jeito
Porque nesse tempo torto
Branco que tinha direito
Sendo o preto renegado
Espancado e injustiçado
Sem favor de ser eleito.

A justiça brasileira
Nesse caso foi certeira
E por três meses prendeu
Sem considerar besteira
O senhor que era agressor
Sem espaço pra valor
Sem respeito de fronteira.

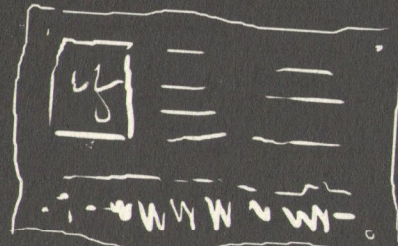
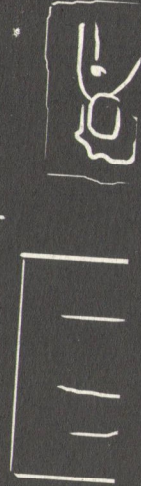
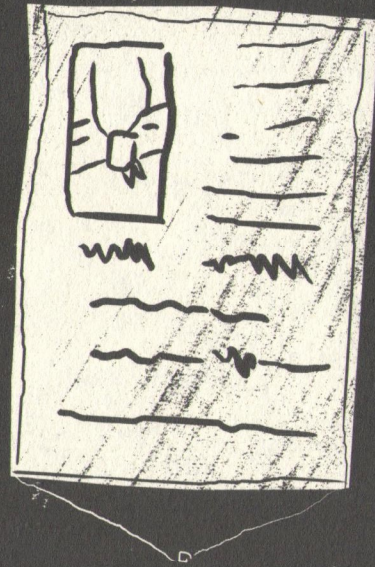
Depois que passou o tempo
Ele então foi libertado
Mas na história do Brasil
Isso sim ficou marcado
Como um caso de união
E de mobilização
Que nós temos memorado.

Imagine que coragem
Que essa Eva possuía
Por lutar pelo direito
Pelo que constituía
Sua fé na liberdade
Sua força na verdade
Que jamais ela escondia.

No passado do Brasil
No tempo da escravidão
Uma história como essa
Era sim revolução
Mas é fato que existiu
E que todo o povo viu
Mesmo sendo uma exceção.

É por isso que eu digo
Que ela teve um heroísmo
Pois sem medo de lutar
Enfrentou foi o racismo
Por saber que estava certa
Se manteve sempre alerta
E peitou o vil machismo.

Ela foi Eva Maria
Pulso de trabalhadora
Por direito de viver
Incansável lutadora
Ela deu foi um exemplo
Que rompeu o véu do tempo
E lhe fez mais redentora.

Eva Maria do Bonsucesso era uma negra alforriada que trabalhava como quitandeira no Rio de Janeiro (RJ). Em 1811, montou seu tabuleiro numa calçada na região de Bonsucesso, quando uma cabra tangida por um escravo levou uma penca de bananas e um maço de couves. Eva perseguiu a cabra com uma vara na tentativa de recuperar suas mercadorias quando deparou com o dono do animal, o senhor branco José Inácio de Sousa, que, indignado, a esbofeteou. Eva revidou a agressão e foi parar na Justiça, mas as trinta pessoas presentes depuseram de forma unânime em seu favor. Dessa forma, Eva foi um raríssimo exemplo de uma mulher negra que conseguiu vencer um caso contra um senhor branco, que acabou sendo preso.

LAUDELINA DE CAMPOS

Vou contar no meu cordel
Uma história edificante
Que até hoje reverbera
Pelos atos importantes
Nos ensina o que é coragem
E ativismo impactante.

Laudelina de Campos Melo
Foi seu nome propagado
Em mil novecentos e quatro
Nascimento registrado
E vivendo nessa Terra
Fez o mundo abençoado.

Tinha apenas sete anos
Quando foi ser Casa-Grandeeira
Empregada de família
Como profissão primeira
Mas ainda era tão cedo
Para ser trabalhadeira!

Imagine que terrível
Era ainda uma criança
Mas limpava e cozinhava
Sem a chance da mudança
Pois nesse país racista
Não havia outra esperança.

No entanto, Laudelina
Cedo se fez consciente
Entendendo esse problema
Sem ficar indiferente
Tinha só dezesseis anos
Quando se fez imponente.

Foi eleita presidenta
De um clube interessante
Chamado Treze de Maio
Que além de militante
Era também cultural
Para os negros, relevante.

Então logo já se nota
Essa sua consciência
Era ainda adolescente
Mas detinha competência
E o punho bem erguido
Pela sua inteligência.

Nascida em Poços de Caldas
Laudelina era mineira
Mas mudou para São Paulo
Onde também foi faxineira
E se consolidou em Santos
Como grande pioneira.

Na vanguarda dessa luta
Por direitos trabalhistas
Se casou e separou-se
Sempre enfrentando a lida
Com dois filhos pra criar
Mas grandeza em sua vida.

No ano de trinta e seis
Na política ingressou
Ao Partido Comunista
Ela assim se filiou
E pra completar melhor
Uma instituição criou.

Era uma Associação
E do país foi a primeira
Que tratava dos direitos
Da empregada e faxineira
E por isso Laudelina
Já tomou a dianteira.

Na Frente Negra Brasileira
Laudelina trabalhou
A maior associação
Que a história registrou
Com trinta mil participantes
Nessa Frente ela lutou.

No ano de cinquenta e cinco
Já em Campinas morando
Entrou para o movimento
Dos negros se organizando
E fez parte de um teatro
Que já vou lhe relatando.

Teatro Experimental do Negro
Como era então chamado
Foi também de Laudelina
Pelos negros aclamado
Pois o seu valor imenso
Não dá pra ser questionado.

Pela força da cultura
De atuar e de dançar
Autoestima para os jovens
E razão pra confiar
Era então esse trabalho
Que queria se espalhar.

Por mais de quarenta anos
Laudelina trabalhou
Como empregada doméstica
Até que por fim parou
E abriu o seu negócio
Que feliz realizou.

Ela vendia salgados
E abriu uma pensão
Saía em dias de jogo
Pra vender à multidão
Nos estádios da cidade
Com garra e dedicação.

Mas não pense que por isso
Ela abandonou a luta
Pois tão cedo conheceu
A dureza da labuta
E jamais renegaria
Sua batalha resoluta.

Com ainda mais afinco
Ela então se dedicou
Lutando pelo seu povo
Muito mais realizou
Era isso que a movia
Nisso sempre acreditou.

Laudelina ainda inventou
Um baile de debutantes
Para adolescentes negras
Fez uma festa importante
O Baile Peróla Negra
De sua luta resultante.

Fundou mais um sindicato
Em Campinas sediado
Por direitos trabalhistas
Que ainda eram negados
Às empregadas domésticas
Não parou o seu legado.

Promovia atividades
De alfabetização
Pra criar a consciência
De reivindicação
Entre as trabalhadoras
Espalhava informação.

Foi chamada em mais cidades
Pra abrir mais sindicatos
Ajudou muitas mulheres
Com retorno imediato
E por causa disso tudo
O clamor foi espalhado.

Tantos foram os seus feitos
Que queria aqui citar
Feminista negra e forte
Nos inspira a batalhar
E lutar pelos direitos
Sem parar e sem calar.

Tudo que foi conquistado
Para essas trabalhadoras
Começou com Laudelina
Que foi tão transformadora
A coragem que ela teve
Nos é muito inspiradora.

As empregadas domésticas
Com direitos garantidos
Possuem mais dignidade
E isso deve ser mantido
Pra acabar a exploração
E o racismo destruído.

No ano de noventa e um
Laudelina faleceu
Mas deixou a sua casa
Para a luta em que viveu
E hoje é do sindicato
Que em Campinas ela ergueu.

Laudelina de Campos Melo foi defensora dos direitos das mulheres e das empregadas domésticas. Nascida em Poços de Caldas (MG), em 1904, perdeu o pai e teve de largar os estudos e trabalhar como empregada doméstica, com apenas 7 anos de idade, para cuidar dos cinco irmãos mais novos. Com 18 anos, mudou-se para Santos (SP), onde casou-se e, junto ao marido, participava da agremiação Saudade de Campinas, um grupo de valorização da cultura negra. Em 1936, Laudelina se filiou ao Partido Comunista Brasileiro e fundou a primeira Associação de Trabalhadores Domésticos no Brasil. Separou-se do marido em 1938, mas se envolveu cada vez mais com movimentos políticos de esquerda, militando também na Frente Negra Brasileira. Anos depois, mudou-se para Campinas, onde integrou o Movimento Negro de Campinas e protestava contra o racismo. Em 1961, fundou a Associação Profissional Beneficente das Empregadas Domésticas, que mais tarde se tornaria o primeiro Sindicato das Empregadas Domésticas.

LUISA MAHIN

No século 19
Luísa Mahin nasceu
Com origem africana
Sua história aconteceu
E com incessante gana
Seu nome prevaleceu.

Vinda da Costa da Mina
Afirmava ser princesa
Mas vendida como escrava
Teve na luta a certeza
Depois de alforriada
Demonstrou sua proeza.

Viveu como quituteira
E morou em Salvador
Usou com inteligência
Seus talentos de sabor
Pois usava o tabuleiro
De mensagens portador.

Nos quitutes que vendia
Ela neles enrolava
As mensagens escondidas
Que em árabe espalhava
Ajudando nos motins
Que também organizava.

Muitas das rebeliões
Dos escravos na Bahia
Tinham a participação
Que Luísa oferecia
Sua contribuição
Era de grande valia.

A revolta dos Malês
Ocorreu em Salvador
Foi a mobilização
Com origem dos Nagôs
Os escravos muçulmanos
Ajuntados com fervor.

Se fosse vitoriosa
A revolta organizada
Luísa Mahin seria
De Rainha coroada
No Estado da Bahia
Ela seria aclamada.

Mas Luísa se envolveu
Na revolta Sabinada
Muito foi auxiliar
Com mensagem repassada
Pela sua inteligência
Ela deve ser lembrada.

**SE FOSSE VITORIOSA
A REVOLTA ORGANIZADA
LUÍSA MAHIN SERIA
DE RAINHA COROADA
NO ESTADO DA BAHIA
ELA SERIA ACLAMADA.**

✽

Lá também foi descoberta
Perseguida e encontrada
Dizem que fugiu pro Rio
Onde então foi degredada
Enviada para Angola
Mas não foi documentada.

É por isso que existe
Quem pesquise diferente
E afirme que Luísa
Foi bem mais eficiente
Fugindo pro Maranhão
Onde foi muito influente.

Há autores que afirmam
Que Mahin desenvolveu
Dança tambor de crioula
E então permaneceu
Como forte referência
Ao redor do povo seu.

Importante mencionar
Que foi mãe de Luís Gama
Poeta e abolicionista
De imensurável chama
E por ele foi citada
Respeitando sua fama.

Luís Gama que escreveu
Sobre ela registrou:
Era magra e muito bela
E retinta a sua cor
Dentes alvos e brilhantes
De um gênio vingador.

Era uma mulher sofrida
Muito altiva e generosa
Também boa quintandeira
Sempre tão laboriosa
Das origens convencida
Era delas orgulhosa.

O pai branco de Luís
O vendeu quando criança
Separando de sua mãe
Na racista podre herança
De ser branco dominante
Indigno de confiança.

Mas Luísa era guerreira
A rebelde sem igual
Fez ainda de sua casa
Como um quartel general
Onde eram planejadas
As revoltas sem igual.

Apesar de tudo isso
E de tudo que lutou
Essa mulher imponente
Muito se silenciou
Pois ainda não se conta
Tudo que realizou.

Mas apenas sua memória
É forte o suficiente
Pra mexer na estrutura
Dessa gente incoerente
Que não fala a verdade
Sobre o negro insurgente.

Gostaria que Luísa
Fosse muito mais lembrada
Nas escolas brasileiras
Fosse sempre ali citada
É por isso que lutamos
Pra que seja memorada.

E para as mulheres negras
Mahin é uma referência
Um espelho poderoso
Dessa forte resistência
É coragem feminina
E também resiliência.

Agradeço essa Luísa
E espero que hoje seja
Como foi na sua África
Novamente então princesa
Ou melhor, uma rainha
Com a chama sempre acesa.

Esperamos que um dia
De você saibamos mais
E talvez nos encontremos
Com os nossos ancestrais
Com respeito e reverência
Nas raízes culturais.

Luísa Mahin foi uma africana vinda da Costa da Mina, onde teria sido uma princesa, vendida depois como escrava. Foi trazida ao Brasil e alforriada em 1812. Viveu como quituteira em Salvador (BA) e deu à luz Luís Gama, importante abolicionista e poeta brasileiro. Luísa era praticante da religião islâmica e repassava bilhetes em seus quitutes, envolvendo-se em muitas rebeliões, como a Revolta dos Malês, em 1835, e a Sabinada, em 1837. Caso a Revolta dos Malês tivesse sido vitoriosa, Luísa Mahin teria se tornado a Rainha da Bahia. Quando descoberta, foi perseguida e fugiu ao Rio de Janeiro (RJ), onde foi detida. Não se sabe se foi levada para Angola, na África, ou se conseguiu fugir. Alguns autores afirmam que ela teria se instalado no Maranhão, onde desenvolveu o tambor de crioula.

* MARIA FELIPA *

Nos registros brasileiros
A injustiça predomina
E o danado esquecimento
Na injustiça se culmina
Pois ainda não se acha
Tudo o que se examina.

Esquecidas da História
As mulheres inda estão
Sendo negras, só piora
Esse quadro de exclusão
Sobre elas não se grava
Nem se faz uma menção.

Cito a Maria Felipa
Exemplar essa guerreira
Natural de Itaparica
Foi na ilha marisqueira
E lutou tão bravamente
Liderando na trincheira.

Mulher negra corajosa
E também trabalhadora
Era muito bem querida
Pela gente sofredora
Um exemplo irreparável
De mulher pelejadora.

Na Ilha de Itaparica
No Estado da Bahia
Ela assumiu o comando
Da batalha que zunia
Pela então independência
Da Bahia onde vivia.

Essa Maria Felipa
As mulheres liderou
Eram cerca de quarenta
As mulheres que juntou
E com muita ousadia
Grande incêndio provocou.

Reunidas as guerreiras
Por Felipa lideradas
Colocaram fogo alto
Nas embarcações chegadas
E que eram inimigas
Da gente mobilizada.

As embarcações queimadas
Dizem ser mais de cinquenta
Mas também há quem afirme
Que a contagem nem se tenta
Pois tamanha quantidade
Facilmente não se ostenta.

As mulheres reunidas
E dotadas de esperteza
Prepararam uma armadilha
Com o engano da beleza
Seduziram os portugueses
Bem sabidas com destreza.

Seduzidos e animados
Eles foram enganados
Já estavam até sem roupa
Quando foram espancados
Com galhos de cansanção
Acabaram bem surrados.

Cansanção é uma planta
Que provoca queimadura
Similar à tal urtiga
O queimado é sem firula
Inda mais se não tiver
Proteção duma armadura.

Mas o causo aqui contado
Não é único ou final
Já que a Maria Felipa
Era líder sem igual
E com muita inteligência
Fez de si fenomenal.

Muitos homens e mulheres
Muitas classes e etnias
Encontravam em Felipa
Heroína de ousadia
E por isso se guiavam
Pelo que ela lhes dizia.

Junto com a sua gente
Ela então fortificou
As praias de Itaparica
E também organizou
O envio de alimentos
Pra quem deles precisou.

Além desses mantimentos
Que Felipa garantiu
Ela também foi pra guerra
Como nunca antes se viu
E bastante ativamente
Nos conflitos emergiu.

Outro caso memorável
Que aqui posso contar
Foi uma tal cerimônia
Pra bandeira se hastear
Quando Guimarães das Uvas
Ela resolveu surrar.

Para nesse português
Ela dar uma lição
Felipa também contou
Com a organização
De mais força feminina
Que lhe estendeu a mão.

Ela era negra e pobre
E morava no Convento
Casarão assim chamado
Porque nesse embasamento
Só morava ali a gente
Que só possuía o vento.

Mas se não tinha dinheiro
Era então trabalhadora
Corajosa e imponente
Grandemente inspiradora
Tinha a pura vocação
De nos ser libertadora.

Ela até por escritores
Foi em livros registrada
Xavier Marques foi um
Que lhe fez então citada
E também Ubaldo Osório
Quando da Ilha contava.

Há quem diga sem acanho
Que ela foi inspiração
Para a Maria da Fé
Dum livro sobre a Nação
Viva o Povo Brasileiro
É sua intitulação.

Heroína negra e forte
Líder dessa independência
Para o povo da Bahia
É imensa essa influência
Que dela jamais esquece
Por sua resiliência.

Como fica muito claro
Nosso povo tem história
E por isso nós devemos
O respeito e a memória
Para Maria Felipa
Que viveu imensa glória.

Na História do Brasil
As mulheres negras são
Baluarte e segurança
Com grandeza e emoção
Lutadoras dessa terra
E heroínas da nação.

Que a partir desse momento
Nossa história vá gravada
Tendo o reconhecimento
Pela batalha travada
Pois só assim que teremos
Nossa alma bem lavada.

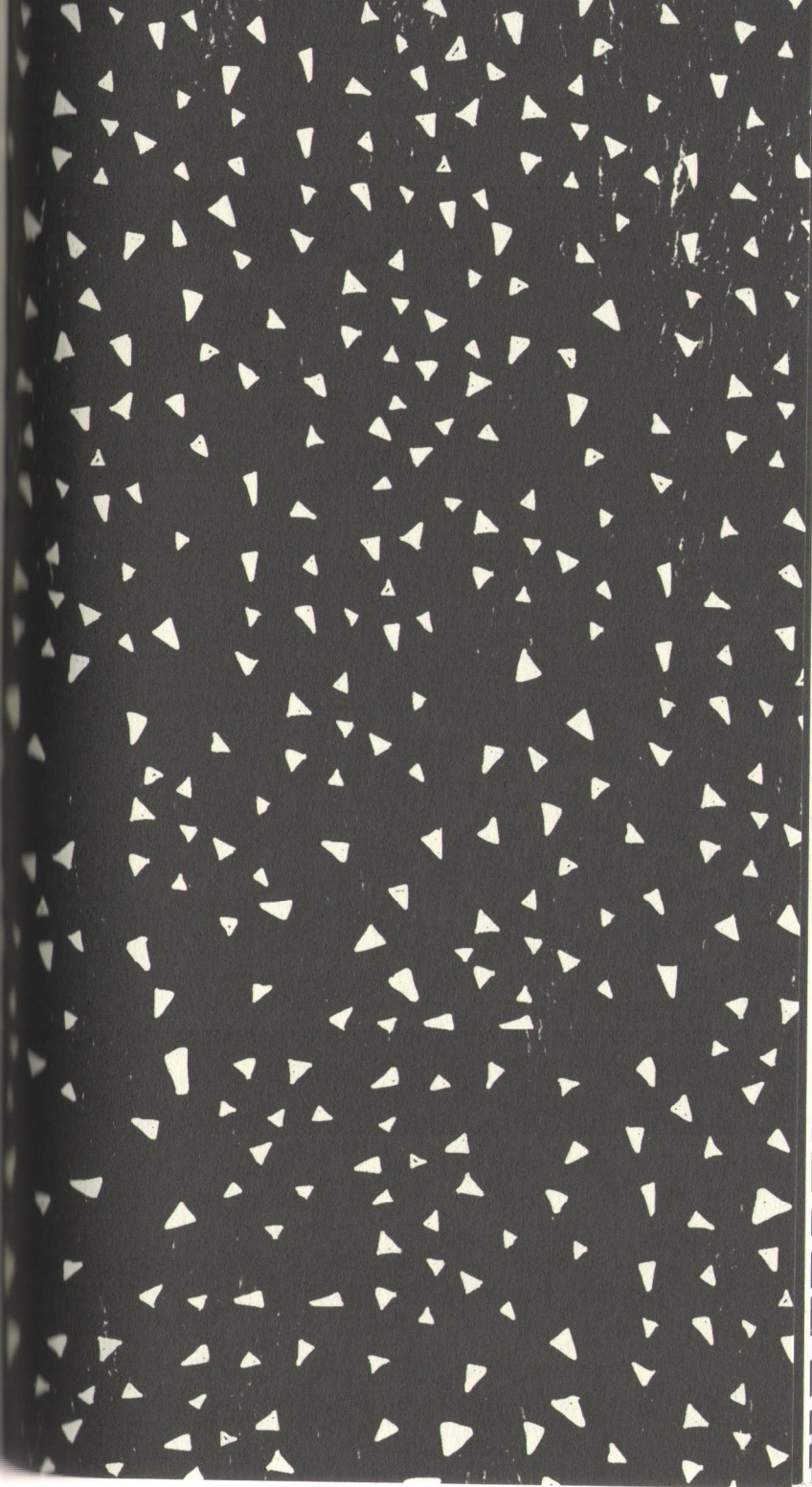
Maria Felipa de Oliveira nasceu na Ilha de Itaparica (BA) no começo do século XIX, possivelmente descendente de negros escravizados do Sudão. Vivia como pescadora e marisqueira e participou pela luta da independência da Bahia, na qual liderou duzentas pessoas, entre elas índios e mulheres negras. Nas batalhas contra portugueses que atacavam a ilha, Maria Felipa e seus companheiros queimaram pelo menos quarenta embarcações inimigas. Maria Felipa é citada pelos historiadores Ubaldo Osório Pimentel e Xavier Marque em suas obras, que apuram registros de pessoas lideradas por ela.

URSULA

Mª FIRMINA DOS REIS

Maria Firmina dos Reis
De mulata foi chamada
Mas renego esse termo
Pra gente miscigenada
Reconheço-a como negra
Sendo assim bem nomeada.

Foi nascida em São Luís
No estado Maranhão
Dia onze de outubro
No país, a escravidão
mil oitocentos e vinte e cinco
No Nordeste da nação.

Apesar do seu registro
De bastarda carimbada
Sofreu muito preconceito
Por não ser endinheirada
E foi na dificuldade
Que se fez iluminada.

Para ter vida melhor
Com a tia foi morar
Sempre muito esforçada
Conseguiu se educar
Pois sabia da importância
Que existe em estudar.

Tinha assim vinte e dois anos
Quando foi ela aprovada
Para vaga numa escola
Onde muito dedicada
Excelente professora
Foi por todos registrada.

Só que Maria Firmina
Tinha livre o coração
Defendendo com clareza
Que acabasse a escravidão
Para ela o ideal
Era a certa abolição.

Uma forma que encontrou
Pra política exercer
Foi na arte literária
Que ela veio a escrever
Contos, livro e poesia
Tudo pronto pra se ler.

Com jornais de sua época
Ela assim colaborava
Enviava poesias
Mas também se dedicava
Ao escrito do seu livro
Que orgulhosa rascunhava.

Teve uma coletânea
De poemas inspirados
Nos seus versos de amor
Com afinco lapidados
Ela mostra seu talento
De beleza devirado.

Como *Úrsula* chamou
Seu romance publicado
E na História brasileira
O seu nome está gravado
Como sendo a pioneira
Desse estilo já citado.

A primeira romancista
Que foi negra e nordestina
Soube usar com esperteza
O fulgor da sua sina
Trabalhou suas palavras
Mesmo sendo clandestina.

Porque de dificuldades
Sua vida foi inteira
Até mesmo pseudônimo
Foi sua opção primeira
Como "Uma Maranhense"
Assinou sua trincheira.

Em suas obras literárias
Ela sempre demonstrou
O seu abolicionismo
Que na escrita assinalou
E a sua origem negra
Com certeza que honrou.

Quando publicou seu livro
Chegou mesmo a falar
Que não tinha educação
E o prestígio elementar
De quem era branco e rico
Podendo a tudo comprar.

Disse que era mulher
E não foi pro exterior
Mas assim ela escrevia
E sabia o seu valor
Dava à luz esse livro
Com seu peito em ardor.

Aos cinquenta e cinco anos
Uma escola ela fundou
Pra meninas e meninos
Sendo mista começou
Como escola gratuita
Que pouquíssimo durou.

A polêmica foi tanta
No pequeno povoado
Que era em Maçaricó
Guimarães regionado
Que durou só por três anos
E o portão já foi fechado.

Que tristeza saber disso
Era um tempo tão machista
Mas a nobre professora
Sempre forte e ativista
Assumia toda luta
Sem temer nenhum racista.

Em mil novecentos e dezessete
A Firmina faleceu
Mas deixou para memória
A herança que escreveu
E que sempre a duras penas
Para o mundo ofereceu.

Ela foi tão importante
Para outras instigar
E a mim muito emociona
Quase ao ponto de chorar
Quando penso em sua vida
Quero assim compartilhar.

Porque graças a Firmina
Hoje temos esse espelho
Da mulher negra escritora
E que publicou primeiro
Um livro abolicionista
Como mais belo centelho.

No entanto, me revolta
O nojento esquecimento
Pois nem mesmo na escola
Nem sequer por um momento
Eu ouvi falar seu nome
Para o reconhecimento.

Como pode algo assim?
Se a história ela marcou
Por que não falamos dela
Nem do que ela conquistou?
É terrível a injustiça
Que a escola maculou.

JARID ARRAES

MARIANA CRIOULA

Vou contar uma história
Da mais pura resistência
Sobre a vida de uma líder
Com tamanha inteligência
Que foi fonte de coragem
Pra sua sobrevivência.

Foi em Paty do Alferes
No estado Rio de Janeiro
Lá no Vale do Café
Que um rebuliço inteiro
Foi por ela liderado
E foi nela derradeiro.

Foi Mariana Crioula
Nome para se guardar
Era escrava com função
De mucama e costurar
Vivia na Casa-Grande
Mandada pra trabalhar.

A senhora das fazendas
Que da dor se enricava
Era Francisca Xavier
E o bolso transbordava
Pelo sangue dos escravos
Que nas terras maltratava.

Maravilha e Freguesia
Eram os nomes das fazendas
Onde tudo teve início
Sem a chance de emenda
Foi dali que a revolta
Explodiu numa contenda.

Mil oitocentos e trinta e oito
Foi o ano apontado
Um escravo acabou morto
Depois de ser castigado
Por tentar fugir dali
Acabou sendo espancado.

Na fazenda Maravilha
Os escravos se juntaram
Foram mais de quatrocentos
Os que ali se rebelaram
Foram prontos pra fugir
Como sempre desejaram.

Tanta gente organizada
Possuía a liderança
De um tal Manoel Congo
Que lutava na esperança
De viver a liberdade
Com muita perseverança.

Mariana estava junto
E com Manoel fez par
O casal era tão forte
E capazes de inspirar
Que de rei e de rainha
Se fizeram aclamar.

Ambos iam liderando
O seu povo a escapar
E nas matas se enfiaram
Pra fugir e descansar
Foi em Santa Cantarina
Que o grupo foi parar.

Na Serra da Mantiqueira
Todos juntos inda estavam
Quando foram emboscados
Pelos brancos que atacavam
E com muita violência
Suas armas lhes miravam.

No entanto, Mariana
Agiu bem dissimulada
Disse que não era líder
Que fora influenciada
E acabou absolvida
Sem ter sido condenada.

Veja só que interessante
O desfecho dessa história
Poucos foram os punidos
E a rainha em sua glória
Conseguiu salvar sua vida
E também sua memória.

Foi surpresa para muitos
Porque a fama da rainha
Era grande e atestada
E até testemunha tinha!
Sua forte liderança
Era tal qual cambrainha.

Mariana então voltou
Pra fazenda foi levada
Mas duvido que ela tenha
Vivido tão conformada
Pois a sua alma livre
Nunca pôde ser domada.

Também veja que sucesso
Que a revolta se mostrou
Pois centenas que fugiram
E só poucos se pegou
É por isso que o esforço
Muito bem que se pagou.

Mariana foi a líder
Desse feito exemplar
E ficou para a História
Pela gana de lutar
Na batalha ou na mentira
Sua vida quis salvar.

Sempre penso em Mariana
E imagino o seu final
Será que depois fugiu?
Foi de novo a maioral?
Qual que seja essa resposta
Foi rainha sem igual.

**MARIANA FOI A LÍDER
DESSE FEITO EXEMPLAR
E FICOU PARA A HISTÓRIA
PELA GANA DE LUTAR
NA BATALHA OU NA MENTIRA
SUA VIDA QUIS SALVAR.**

✻

E assim como Mariana
Muitas outras existiram
Que lutaram e lideraram
Bravamente resistiram
Essas heroínas negras
Na História emergiram.

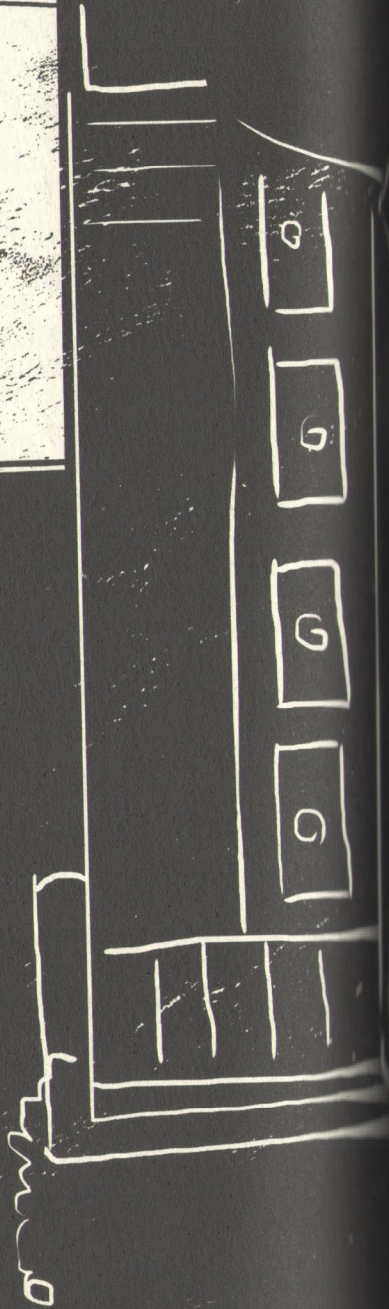
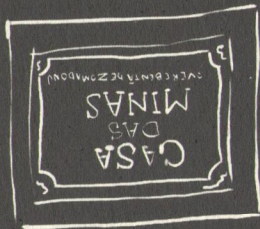
Mesmo que pouco lembradas
Elas são inspiração
Pois nos contam a verdade
Sobre a história da nação
Onde os negros guerrearam
Pela enfim libertação.

Se na escola não se ensina
E se na TV não mostra
Eu escrevo esse cordel
E espalho essa proposta
Compartilha quem entende
E quem da verdade gosta.

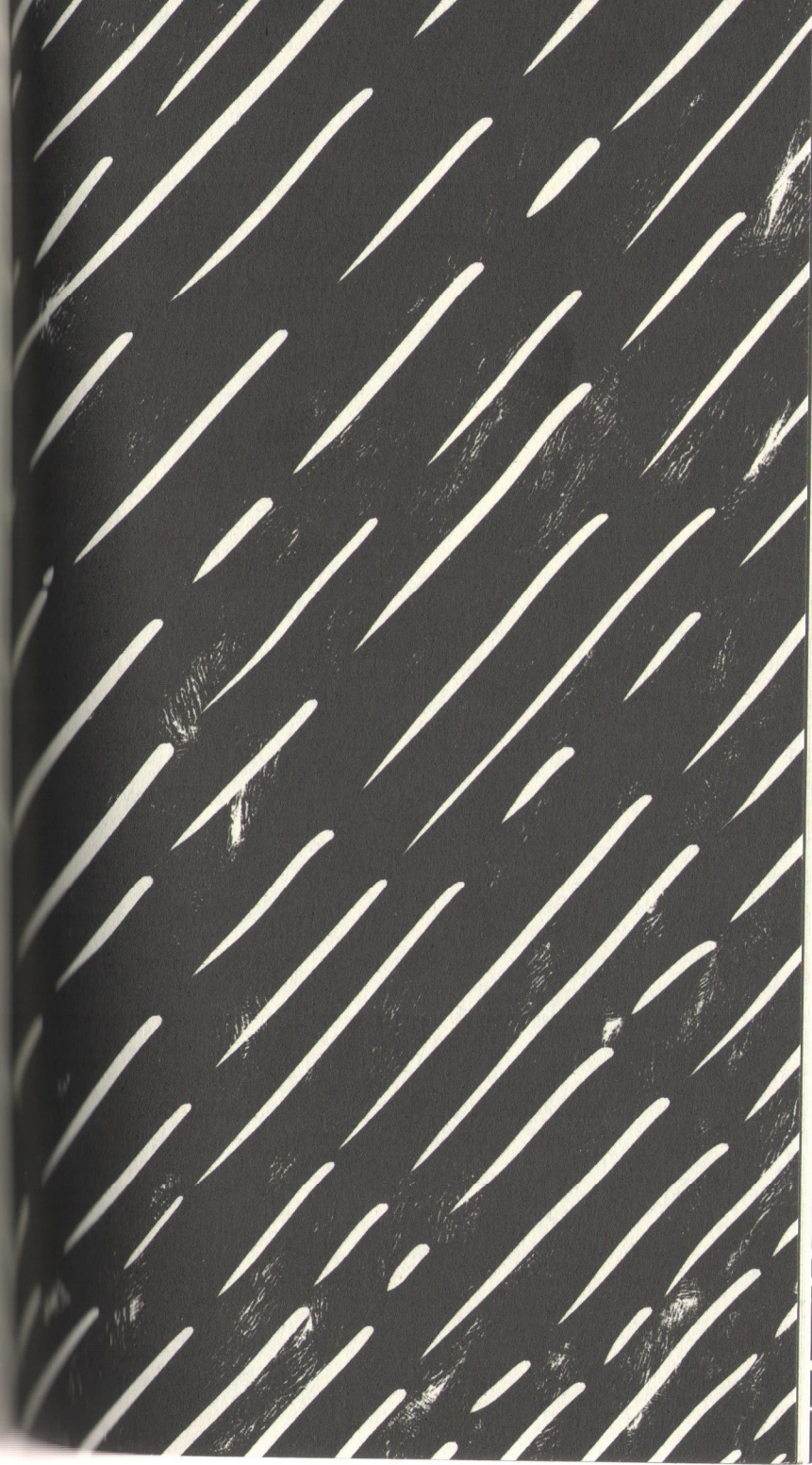
Que Mariana Crioula
Faça parte da memória
Para toda gente negra
Para toda nossa história
Que seu nome se espalhe
Pois é nossa essa vitória.

A lição é que entregar-se
Nunca é uma opção
Só lutar que muda a vida
Batalhando em união
Com o firme objetivo
De alcançar transformação.

Mariana Crioula foi uma escrava brasileira que vivia em Paty do Alferes (RJ). Trabalhava como costureira e mucama e era considerada uma das escravas de confiança da casa-grande. Em 1838, Mariana participou da maior revolta de escravos do Rio de Janeiro, liderada pelo ferreiro Manuel Congo, que reuniu cerca de trezentos negros de fazendas vizinhas. Apesar de ter sido casada com outro escravo da fazenda, foi nomeada rainha do quilombo junto a Manuel, que era chamado de rei. Em 1839, foi capturada com outros quinze fugitivos e levada a julgamento. Ao ser questionada, Mariana alegou ter sido induzida à fuga e, para a sua surpresa, foi absolvida junto a todas as outras mulheres, provavelmente a pedido da senhora para quem trabalhava, mas precisou assistir ao enforcamento de seu companheiro, Manuel Congo.

CASA
DAS
MINAS
QUEREBENTÃ DE ZOMADONU

* NA * AGONTIMÉ

No estado do Maranhão
É possível de encontrar
Um templo de tradição
Que já muito ouvi falar
Chamado Casa das Minas
Que nos mostra sua sina
Dessa história preservar.

Diz que foi Agontimé
Quem o templo começou
Era ela uma rainha
Que em Daomé reinou
Hoje chamado Benin
Foi na África assim
Que ela se consolidou.

A Agontimé rainha
Se casou com Agonglô
Mas a sua viuvez
Só lhe trouxe muita dor
Pois o filho do marido
De maldade proferido
Feito escrava lhe botou.

A rainha tinha um filho
Guezo como foi chamado
Mas também por seu irmão
Pro exílio foi mandado
E a mulher sem proteção
Não deteve a reação
Contra o mal que foi jogado.

O enteado Adandozan
Como infame era contado
Pela sua crueldade
Era ainda declamado
Esse homem traidor
Foi então provocador
Do desfecho aqui falado.

A rainha Agontimé
Como escrava foi vendida
E parou no Maranhão
Onde assim foi escolhida
Para ser renomeada
C'outro nome batizada
De direitos foi tolhida.

Foi Maria Jesuína
O nome que lhe impuseram
E com muita crueldade
De escrava lhe fizeram
Mas a sua raiz forte
Que vencia até a morte
Esses brancos não tiveram.

Sobre Na Agontimé
Muito pouco é registrado
Mas aquilo que se sabe
Faço ser aqui contado
Pois tenho admiração
Pela brava tradição
E pelo que foi fundado.

Dizem que sua aparência
Sua origem revelava
Tinha marcas pelo rosto
E com isso se mostrava
A raiz da sua gente
Que a ela foi potente
E que ela preservava.

Era Mãe de Zomadônu
Um vodum da tradição
Que usou para fundar
E fazer a condição
Do seu templo levantado
Até hoje preservado
Com imensa redenção.

Dizem que esse Zomadônu
É o vodum mais poderoso
Que lá no Reino de Fon
Tinha um nome orgulhoso
Os segredos de valor
São guardados com primor
E sigilo respeitoso.

Mas na terra da rainha
Algo estava pra mudar
Pois enquanto ela sofria
O seu filho ia enfrentar
A maldade que reinava
Que a todos dominava
Para assim os libertar.

Guezo de Agontimé
Acabou por destronar
O irmão Adandozan
Que findou em humilhar
E quase imediatamente
Só pensava em novamente
Sua mãe reencontrar.

Guezo organizou a busca
Pra rainha resgatar
Até no Brasil pararam
Sem jamais se descansar
Porém nunca a encontraram
E pra Daomé voltaram
Com seu rei a lamentar.

Essa história que eu conto
É repleta de minúcias
E para que se conheça
Os detalhes com astúcia
É preciso pesquisar
Com vontade de estudar
Feito o uso da argúcia.

Num colóquio da Unesco
Ela foi enaltecida
Como a nobre fundadora
Dessa Casa conhecida
Teve até pesquisador
Que foi o registrador
Pra que não fosse esquecida.

Pierre Verger é o nome
Desse homem estudioso
Que pesquisa a tradição
Do meu povo orgulhoso
Viajou para o Benin
Identificou assim
E foi muito proveitoso.

Até hoje na memória
Na Agontimé existe
Seu legado inspirador
Realmente se persiste
Grande foi sua mportância
De imensa relevância
Para o povo que resiste.

Sobre esse tambor de mina
Também vale conhecer
A religião do povo
Que apesar de padecer
Conseguiu perpetuar
Para sempre preservar
E enfim prevalecer.

Sobre Na Agontimé
Nem sequer nós estudamos
O seu nome tão bonito
Na escola não lembramos
Isso é triste por demais
Esquecer dos ancestrais
De quem tanto precisamos.

Mas o fato é muito claro:
Foi rainha e lutadora
Coroada com bravura
Ela foi conquistadora
Para sempre a inspirar
Na memória a relembrar
Como foi norteadora.

Mesmo numa terra hostil
Seu legado construiu
E por causa de sua fé
Sua crença resistiu
Hoje tem Casa das Minas
Que caminhos ilumina:
A rainha conseguiu!

Na Agontimé foi uma das esposas do rei Agonglô, do distante reino africano Daomé. Agonglô tinha muitos filhos, mas o filho mais velho, Adandozan, era sanguinário, e todos temiam que ele assumisse o trono. Assim, após uma consulta aos deuses, foi decidido que Guezo, o filho de Na Agontimé, sucederia o rei. Em 1797, Agonglô faleceu, e Adandozan, em um acesso de fúria, vendeu Na Agontimé como escrava e ordenou que seu nome fosse mudado, para que ninguém jamais a encontrasse — assim, Na Agontimé passou a ser conhecida como Maria Jesuína. Ao chegar a São Luís (MA), conseguiu comprar sua liberdade e fundou o Querebentã de Zomadunu, conhecido como Casa das Minas, onde construiu, com a ajuda de outras mulheres, altares e templos religiosos. Anos depois, Guezo viria a destronar Adandozan e mandou uma missão ao Brasil para resgatar a sua mãe, mas nunca a encontrou.

TEREZA DE BENGUELA

Na história do Brasil
Nas escolas ensinada
Aprendemos a mentira
Que nos é sempre contada
Sobre o povo negro e índio
Sobre a gente escravizada.

Nos contaram que escravos
Não lutavam nem tentavam
Conquistar a liberdade
Que eles tanto almejavam
E por isso que passivos
Os escravos se encontravam.

Ô mentira catimboza
Me dá nojo de pensar
Pois o povo negro tinha
Muita força pra juntar
E com grande inteligência
Se uniam pra lutar.

Um exemplo muito grande
É Tereza de Benguela
A rainha de um quilombo
Que mantinha uma querela
Contra o branco opressor
Sem aceite de tutela.

No estado Mato Grosso
Havia o Quariterê
Um quilombo importante
Para livre se viver
Cooperando em coletivo
Guerreando pra vencer.

Zé Piolho, seu marido
Acabou por falecer
E Tereza de Benguela
Veio, pois, rainha a ser
Liderando com firmeza
Na certeza de crescer.

No quilombo liderado
Era possível encontrar
Estrutura de política
Que seria de invejar
E a administração
Também era exemplar.

Tinha armas poderosas
Pra lutar e resistir
Com talento pra forjar
Se botavam a fundir
Objetos muito úteis
Para a vida construir.

As algemas e outros ferros
Que serviam de prisão
Lá na forja transformavam
Pra outra utilização
Não serviam de tortura
Mas para a libertação.

O quilombo tinha armas
Pela troca ou por resgate
E com muita resistência
Suportavam esse embate
Libertando muita gente
Pela via do combate.

O sistema muito rico
Tinha até um parlamento
E também um conselheiro
Pra rainha embasamento
Que exemplo grandioso
Era o gerenciamento!

Além disso, ainda tinha
O plantio de algodão
E também lá se tecia
Pra comercialização
Os tecidos que vendiam
Fora da quilombação.

As comidas do quilombo
Que ali eram plantadas
Divididas entre todos
Também comercializadas
Tudo aquilo que sobrava
Para venda enviadas.

Tinha milho e macaxeira
E também tinha feijão
Sem esquecer a banana
Com fins de alimentação
E as sobras, como disse
Pra comercialização.

Foi por isso que Tereza
Duas décadas reinou
Com a força do quilombo
Que com garra liderou
E por isso pra História
A rainha então ficou.

Em mil setecentos e setenta
Quariterê foi atacado
Por Luiz Pinto de Souza
o Coutinho era enviado
Pelo sistema escravista
O quilombo era acabado.

A população de negros
Setenta e nove se contavam
E a população de índios
Tinham trinta que restavam
Foram presos, foram mortos
Pelos que assassinavam.

De acordo com o registro
Tereza foi capturada
Mas depois de poucos dias
A rainha adoentada
Terminou-se falecendo
Da mazela ali tomada.

E os brancos matadores
A cabeça lhe cortaram
Exibindo em alto poste
Pra mostrar aos que ficaram
A maldade desses vermes
Que do racismo enricaram.

Dia vinte e cinco de julho
É o dia de lembrar
De Tereza de Benguela
Que heroína a reinar
Foi durante sua vida
Sem jamais silenciar.

Que exemplo inspirador
Que mulher tão imponente
Foi Tereza de Benguela
Uma deusa para a gente
Que até hoje não desiste
Dessa luta pertinente.

É por isso que escrevo
Mulher negra também sou
E registro de Tereza
O legado que ficou
Pois bem poderosamente
A Tereza aqui passou.

Que seus feitos importantes
Não mais sejam esquecidos
Que o racismo asqueroso
Não lhes deixe escondidos
Pois são para o povo negro
Exemplos fortalecidos.

Oh, Tereza de Benguela!
Nosso espelho ancestral
Sua alma ainda vive
E entre nós é maioral
Nós honramos sua luta
Sua força atemporal!

Tereza de Benguela viveu no Mato Grosso durante o século XVIII. Após o falecimento de seu marido, José Piolho, chefe do Quilombo do Quariterê, Tereza se tornou uma rainha quilombola. Ela mantinha um sistema de troca de armas com os brancos e comandava toda a administração, economia e política do quilombo, onde também desenvolviam agricultura de algodão, dominavam o uso da forja e comercializavam tecidos e alimentos excedentes.
Os negros e indígenas sob sua liderança resistiram à escravidão por vinte anos, até 1770, quando o quilombo foi destruído.
Em sua homenagem, o dia 25 de julho foi instituído Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra.

TIA CIATA

Conhecida e bem famosa
Tia Ciata ainda é
Sobretudo pra quem gosta
De um bom samba no pé
Mas sua vida foi de luta
E também de muita fé.

Mil oitocentos e cinquenta e quatro
Foi o ano em que nasceu
Em Santo Amaro na Bahia
Mas ali não permaneceu
Pois saiu de lá fugida
Pelo mal que lhe ocorreu.

Por ser yalorixá
Em Salvador foi perseguida
E com outras mães de santo
Fugiu pra tentar a vida
Bem no Rio de Janeiro
Por coragem impelida.

Quando ela chegou ao Rio
Logo um homem conheceu
O seu nome era Noberto
E com ele se envolveu
Não depois de muito tempo
Uma menina então nasceu.

Deu-lhe o nome de Isabel
Mas do homem se afastou
Separada e com a filha
Tia Ciata então pensou
E achou o seu trabalho
Para o qual se dedicou.

Na rua Sete de Setembro
Foi ralar de quituteira
Sempre muito bem-vestida
De baiana por inteira
Tia Ciata foi peitar
E romper outra fronteira.

Apesar da repressão
Que o candomblé sofria
No seu rico tabuleiro
Ela fez como queria
E honrou seus orixás
Nos quitutes que vendia.

Sempre com saia rodada
Na cabeça o seu turbante
Ela usava seus colares
Suas contas importantes
Como filha de Oxum
Fez-se muito exuberante.

Trabalhou com muito esforço
E então se apaixonou
Com João Batista da Silva
Tia Ciata enfim casou
Juntos os dois então viveram
Pelo tempo que passou.

Ele era um homem bom
E até mesmo conhecido
Dentro daqueles limites
Era até "bem-sucedido"
Pois o racismo perverso
Era um fato endurecido.

Com João, Tia Ciata
Muitos filhos fez nascer
Foram no total quatorze
O que veio enfim a ser
De uma grande importância
Pro seu povo embravecer.

Pois essa família unida
Fez inteira afirmação
E foi na Pequena África
Duma grande emblemação
Dando força na presença
E fazendo exaltação.

Chamada Pequena África
Era essa a região
Que no Rio de Janeiro
Tinha uma concentração
De pessoas negras livres
Fortes contra a escravidão.

Tia Ciata e sua família
Eram parte dessa gente
Marcando toda a cidade
Com a herança eminente
Que originou o samba
Em suas festas imponentes.

Na casa de Tia Ciata
Muita festa acontecia
Sempre no samba de roda
Um banquete ela servia
Ela era partideira
E cantava com alegria.

Os maiores compositores
Em sua casa se juntavam
Donga, Sinhô, João da Baiana
Nos saraus se apresentavam
E a tradição do samba
Com amor enraizavam.

A polícia ainda tentava
Manter a perseguição
Mas Ciata era famosa
Por fazer reparação
Na saúde dos doentes
Dava a cura e compaixão.

Teve um caso curioso
Em que um investigador
Procurou Tia Ciata
Para lhe pedir favor
Que sarasse o presidente
De um mal adoecedor.

Era então Venceslau Brás
Presidente do Brasil
Com uma ferida podre
Que em sua perna abriu
Mas em toda a medicina
Um remédio não se viu.

Tia Ciata, mãe de santo,
Recebeu um orixá
Que falou ao presidente
Para a cura lhe ofertar
Recomendou uma receita
Fazendo a cura vingar.

Agradecido, o presidente
Perguntou o que queria
Tia Ciata respondeu
Que de nada carecia
Mas seu marido João
Um trabalho aceitaria.

Além de doces que vendia
Suas roupas alugava
E pra peças de teatro
Sempre comercializava
Pra manter o seu sustento
E as festas que animava.

Logo estava bem famosa
E seu nome então correu
Até mesmo gente rica
Para o samba se verteu
E a Tia muito sábia
Seu destino ali colheu.

Pois nas festas calorosas
As raízes sempre honrou
E abriu também consultas
Para quem lhe procurou
Sempre uma yalorixá
O candomblé concretizou.

O primeiro samba em disco
Em sua casa foi gravado
Por Donga e Mauro de Almeida
Foi composto e registrado
Tia Ciata fez história
Muito fez realizado.

Tia Ciata foi chamada
Por Oxum fortalecida
Sua origem enalteceu
Mesmo sendo perseguida
E por causa dessa luta
Hoje eu sou agradecida.

Tia Ciata, cujo nome de nascença era Hilária Batista de Almeida, nasceu em Santo Amaro (BA), em 1854. Cozinheira e mãe de santo, foi iniciada no candomblé em Salvador (BA) e levou o Samba de Roda ao Rio de Janeiro (RJ) em 1876, onde conheceu o pai de sua primeira filha. Trabalhou como quituteira, sempre com suas vestes de baiana, para sustentar a filha. Em sua comida, expressava sua convicção no candomblé, apesar de a religião ser proibida naquele tempo. Mais tarde, casou-se com João Batista da Silva, com quem teve quatorze filhos. Sua casa na Praça Onze era ponto de encontro de diversos personagens do samba e compositores importantes. A polícia perseguia esses encontros, mas, sendo também curandeira, Tia Ciata acabou sendo chamada a curar uma ferida na perna do presidente Venceslau Brás e com isso deixou de ser perseguida. Em troca do favor, pediu um emprego para seu marido. Ela faleceu em 1924, mas até hoje sua casa é referência do samba e do candomblé no Rio de Janeiro.

ZACIMBA *GABA*

Zacimba Gaba foi seu nome
Uma princesa escravizada
Vinda de Cabinda, Angola
Pro Brasil foi sequestrada
No estado do Espírito Santo
Acabou desembarcada.

Zacimba Gaba foi descrita
Logo quando foi comprada
Como uma "negra rebelde"
Que até foi recapturada
Depois de tentar fugir
Foi duramente castigada.

No Largo do Chafariz
Com crueldade foi surrada
Junto com mais homens negros
Foi cuspida e humilhada
Mas o seu olhar altivo
Mantinha-lhe encorajada.

O racista escravagista
Era o tal José Trancoso
Que comprou Zacimba Gaba
E era um homem horroroso
Sem saber da força dela
Ou caráter vigoroso.

Mas Trancoso ouviu falar
Que Zacimba era princesa
E tomado por despeito
Quis tirar essa certeza
Mandando que lhe trouxessem
Arrastada e com dureza.

Quando Zacimba chegou
E então foi interrogada
Respondeu com altivez
Fez a história confirmada
Era sim uma princesa
Por seu povo era adorada.

Com maldade sem medida
Zacimba foi castigada
Dia e noite, noite e dia
Ela era chicoteada
E ouvia-se o choro
Da gente desesperada.

A inveja de Trancoso
Era porca de enojar
Foi por isso que manteve
O castigo sem cessar
E Zacimba foi cativa
Para ele a abusar.

Trancada na Casa-Grande
Zacimba era estuprada
Por Trancoso e capataz
Era tão violentada
Que os irmãos já se uniam
Com revolta levantada.

Mas com medo da revolta
Trancoso mandou dizer
Que se algo acontecesse
A princesa ia morrer
E com isso aquietou
O que ia acontecer.

Pelas noites, da senzala
Um alto canto se escutava
Era a princesa Zacimba
Que aos orixás cantava
Por justiça e liberdade
Todo dia ela clamava.

Ao longo do tempo duro
Zacimba se fortaleceu
E sofria com seu povo
Por tudo que aconteceu
Mas tramava uma saída
O final triunfo seu.

Com ajuda do seu povo
Fez um veneno mortal
Da cabeça de uma cobra
Que era disso especial
Com o pó desse veneno
Fez um plano crucial.

Era aos poucos, todo dia
Que o veneno ali botava
Na comida de Trancoso
Que jamais desconfiava
Lentamente adoecendo
Do veneno que tomava.

Quando um dia finalmente
O esperado aconteceu
O senhor da Casa-Grande
Entre gritos faleceu
E a gente da senzala
Pra revolta se mexeu.

Invadiram a Casa-Grande
E Zacimba os liderou
Segurando uma peixeira
A princesa ali lutou
E os servos de Trancoso
No confronto derrotou.

Pelas matas foi Zacimba
Com seu povo lhe seguindo
E correram muitos dias
Até que lhes foi surgindo
Uma terra de descanso
Um quilombo se emergindo.

No quilombo de Zacimba
Ela era celebrada
A princesa de Cabinda
Por seu povo admirada
Acolhia os que viessem
Era assim bem respeitada.

Com coragem e ousadia
Os navios ela atacava
Ia com os seus guerreiros
E da escuridão pulava
Libertando os cativos
Que pro quilombo levava.

Muitas vezes repetiu
Esse feito de atacar
Libertou muitos irmãos
Desde Angola a viajar
Sem comida só sofrendo
Mas voltavam a sonhar.

Na glória de sua vida
Zacimba Gaba então morreu
Foi numa luta difícil
Num navio que surpreendeu
Mas foi de cabeça erguida
Que a princesa faleceu.

Que história impressionante
É até de arrepiar
Deveria se contada
Espalhada a propagar
Essa força de Zacimba
E o que nos pode ensinar.

Diz que em mil seiscentos e noventa
Zacimba Gaba foi comprada
Trancoso era português
E no Brasil enricava
Às custas da escravidão
Do racismo que espalhava.

Assim como foi Zacimba
De Angola escravizada
Muitas outras também foram
No Brasil que castigava
Mas o espírito de luta
Nenhum branco lhes matava.

Tenho orgulho de Zacimba
De ser parte de sua gente
Meu cabelo e minha pele
O meu sangue aqui corrente
São herança da princesa
De bravura coerente.

Viva à princesa Zacimba!
Viva aos nossos ancestrais!
Viva Angola, viva o Congo!
E às tradições orais!
Viva à África, riqueza!
E às raízes culturais!

Zacimba Gaba era princesa da nação Cabinda, na região de Angola, mas foi escravizada e levada a Sapê do Norte (ES) em 1690. O fato de ser princesa enfureceu o barão da fazenda, que torturava Zacimba e a proibia de sair da casa-grande. Foi então que, com a ajuda de outros escravos, Zacimba começou a envenenar o barão lentamente, durante anos, utilizando um pó preparado com a cabeça moída de uma jararaca, feito às escondidas na senzala. Após a morte do barão, Zacimba liderou a fuga com outros negros e formou um quilombo, onde comandava emboscadas noturnas para libertar escravos dos navios negreiros que ancoravam naquela região.

Conte a história de uma mulher
negra que marcou a (sua) história.

Envie a história que você escreveu para contato@jaridarraes.com e compartilhe nas redes sociais com a hashtag **#HeroínasNegras**.